
QUANDO UMA TRAGÉDIA ROMPE O COTIDIANO JORNALÍSTICO: ANÁLISE DAS PRIMEIRAS NOTÍCIAS DO DESASTRE AMBIENTAL DE MARIANA (MG)

Gabriele Costa Pereira¹

Resumo

A presente pesquisa analisa as primeiras notícias produzidas sobre o rompimento da barragem de Mariana (MG) em 2015, caracterizadas como uma cobertura jornalística de *breaking news* no meio on-line (OSÓRIO, 2016), publicadas pelo jornal Estado de Minas e pelo portal G1. O objetivo é registrar e avaliar as decisões de produção jornalística tomadas em um momento de urgência dos fatos e necessidade de rápida circulação da informação. Para tanto, buscam-se os conceitos da teoria do jornalismo, *gatekeeper* e *breaking news*. Desta forma evidencia-se o processo de cobertura jornalística de um desastre no contexto atual de tecnologias digitais, considerando atualidade, escolhas, e linhas editoriais.

Palavras-chave: Barragem de Mariana; Jornal Estado de Minas; G1; *Breaking news*; Jornalismo digital.

Abstract

This research analyzed the first news produced about the rupture of the Mariana's dam (MG) in 2015, characterized as breaking news coverage in digital media (OSÓRIO, 2016), published by the Estado de Minas newspaper and the G1 news portal. The objective is to register and evaluate the journalistic production decisions taken in a moment of urgency of the facts and the need for rapid circulation of information. Therefore, the concepts of journalism theory, gatekeeper and breaking news are sought. In this way, the process of reporting a disaster in the current context of digital technologies is evident, considering actuality, choices, and editorial lines.

Keywords: Mariana's dam; Estado de Minas Newspaper; G1; Breaking news; Digital journalism.

Introdução

Todos os dias são produzidas inúmeras notícias em ambientes virtuais, televisão, impressos e rádios, sobre acontecimentos presentes no cotidiano. Dentro dessa área encontra-se o profissional intitulado jornalista. No seu dia-a-dia é necessário tomar decisões. Quando a rotina é quebrada por um fato extraordinário, é necessário tomar decisões rápidas, precisas e éticas. Principalmente quando se trata de um acontecimento que envolve fatalidades, todo cuidado é necessário na hora de reportar os fatos à sociedade.

Nesse contexto de notícias urgentes, destacou-se nos últimos anos o rompimento da barragem de Fundão. Um cenário para onde os olhos do país se voltaram, buscando atualizações nos veículos de comunicação mais próximos. Nesse caso a atuação e a importância do papel desempenhado pelo jornalismo, na checagem e averiguações das informações para posterior divulgação, merece destaque.

¹ Artigo apresentado pela acadêmica ao curso de Jornalismo, da Faculdade de Artes e Comunicação, da Universidade de Passo Fundo, como trabalho de conclusão de curso. Artigo produzido sob orientação do professor Dr. João Vicente Ribas.

No dia 5 de novembro de 2015, a barragem de Fundão, pertencente à mineradora Samarco, localizada no distrito de Mariana, no estado de Minas Gerais, rompeu-se, deixando pelo seu caminho lama e rejeitos de mineração. Segundo o relatório do governo estadual publicado em fevereiro de 2016, denominado “Avaliação dos efeitos e desdobramentos do rompimento da Barragem de Fundão em Mariana – MG”, o rompimento resultou na morte de 17 pessoas, sendo que mais de 600 ficaram desabrigadas e desalojadas. O relatório também ressalta que milhares de pessoas ficaram sem água, e que foram gerados graves danos ambientais e socioeconômicos a toda a Bacia do Rio Doce.

Diante do contexto apresentado, o presente trabalho busca registrar e avaliar as primeiras notícias publicadas sobre o fato, buscando responder a seguinte questão: como o jornalismo se reconfigura quando uma tragédia rompe o cotidiano? O estudo tem como base o olhar das notícias publicadas pelo jornal Estado de Minas “Barragem de rejeitos se rompe em mineradora de Mariana; acompanhe ao vivo”, e pelo portal G1 “Barragem se rompe, e enxurrada de lama destrói distrito de Mariana”.

Desse modo, para a produção da presente pesquisa é necessário elencar alguns objetivos específicos: 1. Realizar um recolhimento e catalogação das notícias escolhidas elencando seus principais elementos. 2. Analisar essas produções jornalísticas através do conceito de análise de discurso proposto por Charaudeau (2005). 3. Utilizar o conceito de *breaking news*², para junto com as considerações da análise de discurso responder à questão principal do presente artigo.

A temática desta pesquisa surgiu como um alarme, o que acabou me despertando para o jornalismo. No dia do rompimento da barragem acompanhei as notícias, divulgadas pelas redes sociais e canais de televisão nacionais e internacionais. Ao ver todas as notícias fui atrás da profissão que as estava comunicando ao mundo e ali uma fagulha de paixão surgiu. No ano seguinte ingressei no curso de Bacharel em Jornalismo pela Universidade de Passo Fundo.

Jornalista: profissional da comunicação

O jornalismo possui teorias que embasam a produção de conteúdo. Entre as mais tradicionais, encontra-se a teoria de *gatekeeper*. Pena (2015), refere-se ao conceito como a pessoa que tem o poder, e decide se a informação pode ou não passar. Como um portão, se ele se fechar a notícia fica contida. Mas se decide abrir o portão a notícia acaba se espalhando

² *Breaking news*: para OSÓRIO (2016, p. 225), ao se adaptar essa palavra para o português, poderíamos optar por “notícia urgente” ou “plantão”, ou seja, uma quebra no noticiário.

rapidamente. Mas quem acaba decidindo é o próprio jornalista, sendo o responsável pela progressão ou morte de uma notícia.

Ribeiro (2019), destaca que a teoria do *gatekeeper* estaria centrada na ação pessoal, ou seja, nas decisões individuais. Dentro de cada veículo de comunicação, são recebidas diariamente diversas informações, mas cabe às redações a decisão do que colocar no jornal. Se for impresso, em qual página, se for em site, de que forma. Essas informações são filtradas por profissionais que possuem sua bagagem cultural própria, o que segundo a teoria influencia na tomada de determinadas escolhas.

Dessa forma, dentro das redações, escolhas individuais podem resultar em uma grande reportagem. Segundo Ribeiro (apud NICOLATO, 2019, p. 77), as notícias são resultados de olhares e decisões.

Isso, obviamente, porque o jornal atua de forma a construir a realidade. E isso se dá por meio da mediação das informações, das escolhas dos acontecimentos a serem abordados nas publicações, dentre os inúmeros eventos diários, e dos recortes da abordagem desses acontecimentos.

Nesse cenário, para Ribeiro (2019), a teoria de *gatekeeper* analisa os processos de escolhas dos conteúdos que são inseridos dentro da pauta jornalística, sendo o responsável por fazer adaptações, cortes e escolhas de ângulos nas reportagens.

Quando algo rompe a rotina diária de uma redação, é preciso fazer escolhas rápidas, se vai ou não noticiar esse fato, de que forma irá fazer isso, qual profissional que ficará responsável por essa notícia. São várias escolhas feitas dentro de um jornal. Após essas escolhas, começam, para Ribeiro (2019), as escolhas individuais, que dependem somente de cada pessoa e o que ela já vivenciou e aprendeu com as experiências positivas ou negativas,

Para Pena (2015), o jornalismo desde o seu início cobra e gera periodicidade, buscando a atualidade, publicidade e universalidade de temas. Quando se fala em atualidade entra-se no mundo tecnológico, na era digital, e o jornalismo na busca pela atualidade acabou se transformando e se adaptando com o passar dos anos, o que Ferrari (2010), chama de jornalismo digital.

Jornalismo digital

O jornalismo ganha cada vez mais destaque e importância ao passar dos anos, seja na divulgação de informações à verificação das notícias. Em contexto de mudanças dentro do

jornalismo, é encontrado o webjornalismo, mesmo ainda recente, causa grande impacto, visto que as notícias começam a ser publicadas em tempo real.

Dessa forma o meio digital se tornou um modo de divulgação de informações instantâneas. Se um profissional do jornalismo está cobrindo uma notícia, um acontecimento, ele pode publicar bastidores da reportagem, desdobramentos, e a mesma pode ser vista por diferentes regiões do mundo.

Ferrari (2010), ressalta que os elementos do jornalismo on-line vão muito além dos tradicionalmente utilizados na cobertura da imprensa, podendo ser adicionados vídeos, fotos e gráficos a uma mesma reportagem.

Mas com as novas tecnologias aliadas à produção jornalística entram diversas dificuldades. Para Ferrari (2010), as redações não estão preparadas para conhecer e lidar com essas transformações sociais. Outro autor que descreve a característica do jornalismo digital aliado a tecnologia é Conde (2018, p. 33):

No jornalismo digital, o computador atua além do auxílio na produção de informações e passa a constituir a plataforma para o desenvolvimento de todas as etapas dos processos de produção e circulação de conteúdos jornalísticos. Digitalizar é traduzir informações em código binário, ou seja, por combinações de 0 e 1, e o jornalismo digital pressupõe a produção de informações diretamente nesse código. A terminologia *jornalismo digital* também está atrelada à utilização de tecnologias específicas, como os recursos multimídia, desde a captura até a disseminação de informações.

O jornalismo digital usa como base a internet para hospedar suas notícias. As publicações podem ser realizadas através de um computador ou um aparelho celular. Comentando essas mudanças e a discussão sobre os novos rumos do jornalismo, Martins (2018, p. 79), traz o conceito de jornalismo pós-industrial³:

Trata-se de um momento histórico no qual as empresas jornalísticas alteraram suas lógicas. Se, em outras épocas, o jornalismo era exercido apenas por poucas e grandes empresas, fundamentadas em processos industriais e sustentadas por um relativo monopólio do negócio, hoje a realidade é completamente diferente. O cenário se caracteriza por uma pulverização de instituições – constituídas por jornalistas e por amadores – que produzem algum tipo de informação.

Esse novo modo de jornalismo pós-industrial acaba apresentando novos formatos de divulgação de informações em meio on-line, como uso interativo de infográficos, compartilhamento de informações entre jornalistas, não ficando restrita a escrita, mas

³ A autora baseia-se no relatório *Jornalismo Pós-Industrial*, da Universidade de Columbia, publicado em 2012.

expandindo os horizontes da publicação de informações. Com essa expansão de meios tecnológicos usados para divulgar informações, a população também começa a ter espaço e ganhar cada vez mais destaque na disseminação de notícias. Martins (2018, p. 125), ressalta que o avanço da tecnologia, o acesso à internet e a popularização das ferramentas tecnológicas muniram as pessoas de novos poderes, entre os quais comunicar-se em larga escala sem depender mais dos grandes meios de comunicação.

Nesse contexto, Martins (2018, p. 126), destaca que é um momento em que o papel do jornalista se fortalece, uma vez que é necessário mediar o acesso a uma informação de qualidade. É um desafio no qual a própria profissão passa a ser reavaliada, já que o volume de conteúdos vindos de toda parte faz com que a população se torne mais cética quanto ao próprio jornalismo.

Martins (2018, p. 142), ressalta o webjornalismo como um desdobramento ou ramificação das mídias tradicionais, como a grande reportagem, que faz o uso de diferentes plataformas, como imagens, texto, vídeo, infográficos e áudios.

Ainda segundo Martins (2018), também é importante ressaltar a instantaneidade dentro do jornalismo digital, uma notícia pode ser publicada por um veículo de comunicação do estado do Rio Grande do Sul e ser na mesma hora vista por uma pessoa do outro lado do planeta. Isso só é possível com o auxílio das novas tecnologias. As notícias são publicadas em sites, redes sociais em ritmo acelerado e na hora que o fato está acontecendo, tendo a interação entre o público e o veículo de comunicação.

Dentro dessa interação entre emissor e receptor, Martins (2018), destaca que há influência dos conteúdos “amadores” nos veículos de comunicação, uma das características geradas no jornalismo pós-industrial. Os “amadores” são pessoas comuns não vinculadas a veículos de comunicação que interagem com a redação, tendo o conteúdo mais atrativo passando a sensação de uma testemunha do fato, aproximando um do outro. Mas nesse cenário de interação, Martins (2018, p. 76), destaca que é importante ter precauções para nenhum dos lados saírem lesados dessa aproximação.

É preciso que as instituições jornalísticas tenham políticas claras e executáveis voltadas a esses conteúdos enviados pelo público, de modo a elaborar maneiras pelas quais os materiais possam ser aproveitados de forma produtiva e racional. O cenário atual, no qual esses conteúdos se proliferam e chegam a todo instante até os profissionais, é de riscos e tentações: por exemplo de veicular algo sem qualquer relevância apenas para encher uma pauta jornalística ou apenas para conquistar um espectador por meio de um vídeo impactante aos seus sentidos, mas que não agrega informação útil à sua vida.

Dentro desse contexto também é possível encontrar a cobertura de *breaking news* no jornalismo digital, Osório (2016, p. 225), destaca:

Se trabalharmos com a ideia de que este é o contexto geral do jornalismo atualmente, há um momento em que ele se mostra mais incisivo. É quando surge um fato capaz de quebrar uma rotina estabelecida de notícias, diferenciando-se deste fluxo e, por isso, canalizando atenções; um fato capaz de gerar um interesse maior do que o normal, seja pelo seu caráter extraordinário, catastrófico, ou imponderável, seja porque vai afetar a vida de muitas pessoas. Trata-se do chamado *breaking news*.

Essa cobertura de *breaking news*, segundo Osório (2016), é uma cobertura jornalística que interrompe a programação habitual já pré-estabelecida pelos veículos de comunicação. Algo que rompe o cotidiano. Na cobertura *breaking news* o papel do jornalista se torna cada vez mais importante, possuindo desafios de divulgar informações, como no caso do rompimento da barragem do Fundão, quando os veículos de comunicação romperam sua programação já estabelecida para realizar a divulgação de notícias atualizadas sobre o desastre.

O *breaking news* é encontrado nessas primeiras publicações, na instantaneidade da divulgação da informação. Já pela ótica da teoria de *gatekeeper*, nota-se que foram realizadas escolhas tanto dentro das redações dos veículos (quem escolheram para cobrir a notícia, escolhas de quem iria ser entrevistado, tirar fotos em qual ângulo). Desta forma, cada detalhe na informação foi uma o resultado de uma escolha.

Com isso, ao desempenhar a função de decisão sobre o que ingressa nas pautas e nos jornais, o *gatekeeper* atua de forma a influenciar o que se torna realidade. Isso porque sua ação possibilita que umas e outras informações veiculadas atravessem todos os portões da redação, chegando até o leitor, em detrimento de outras informações que são barradas em algum portão (RIBEIRO apud NICOLATO, 2019, p. 82).

Mas a atualidade digital pede uma atualização no termo *gatekeeper*. Diante disso, Osório (2016) prefere utilizar o conceito de *gatewatcher*. Para Weber (2010), o *gatewatcher* é um observador, que possui o papel de divulgar as informações recebidas dentro das redações digitais apontando suas fontes.

Com isso o profissional do jornalismo digital se torna um observador dos portões que o *gatekeeper* abre e fecha, liberando ou não determinada notícia. Desse modo, liberando as notícias em meio on-line, o profissional acaba observando e publicando notícias informando suas fontes, mantendo o seu público com constantes atualizações. E dentro do campo de notícias, ao publicar um assunto envolvendo temáticas ambientais, como o rompimento da barragem de Mariana, entra-se dentro da produção de jornalismo ambiental.

Jornalismo ambiental

Uma produção de jornalismo voltada a falar e gerar debates sobre o meio ambiente. O jornalismo ambiental realiza-se com profissionais especializados nessa temática, que inclui as razões, o fato e as consequências e casos como rompimento da barragem de Mariana.

No artigo intitulado “Caminhos e descaminhos do jornalismo ambiental”, Girardi et al. (2012), destaca que não há uma definição consensual sobre o gênero. Embora existam casos em que ele é tido como uma especialidade ou especialização jornalística.

A concepção é outra, independente, baseada na pluralidade de vozes e na visão sistêmica, para além de uma cobertura factual ou programada. O referencial teórico tomado como base, defende uma discussão ampla sobre a qualidade das informações a respeito do meio ambiente (GIRARDI et al. 2012, p. 7).

Desse modo as notícias com temáticas ambientais acabam possibilitando novas percepções sobre os impactos do cotidiano, proporcionando a busca por novas alternativas. No caso do rompimento da barragem de Mariana, um desastre ambiental, que causou não somente consequências no meio ambiente, mas também para o ser humano.

Compreendemos, deste modo, que em jornalismo ambiental tudo é informação, incluindo o próprio ambiente, o espaço e as diferentes manifestações que abriga. Este pressupõe uma prática que, partindo do tema ecológico, englobe os vários matizes nos quais este tema se desdobra, suas diversas tematizações possíveis, nas quais o jornalismo fala das e deixa falar as diferentes vozes (GIRARDI et al. 2012, p. 17).

Essas informações produzidas a partir do ambiente são assuntos que ocasionam debates na sociedade. O rompimento da barragem deixou marcas vistas mundialmente, conforme mostrado pelos veículos de comunicação nas primeiras horas, dias e anos seguintes, mostrando novos caminhos.

A temática do jornalismo ambiental também está presente no artigo publicado no XXVII Encontro Anual da Compós, por Ramos (2018), com o título “Testemunho tardio: o desastre em Mariana (MG) no fotojornalismo de Zero Hora”. O artigo utiliza a perspectiva teórica da “fotografia tardia”. Desta forma foram analisadas imagens publicadas no jornal impresso e no blog de fotografia de Zero Hora. Concluindo que as imagens pontuam como potencial político da fotografia-testemunhal.

Outro artigo que esta temática se encontra presente foi publicado no ano seguinte no Encontro Anual da Compós, por Mendes e Oliveira (2019), com o título “Rompimento das barragens em Mariana (2015) e Brumadinho (2019): regimes de interação no contexto das organizações”. O artigo verifica como se estabeleceram as interações entre as organizações e a

sociedade ao longo do tempo. Constatando que a Samarco acabou passando uma falha na programação e tentou construir como confiável seu discurso.

Para complementar, o jornalismo ambiental se encontra presente em anos anteriores, em artigo publicado no XXV Encontro Anual da Compós, por Silveira e Gonçalves (2016), intitulado “O imaginário telúrico nas imagens da tragédia de Mariana”. Durante a análise foram abordados símbolos e a crítica da obra fotográfica de Sebastião Salgado centrados nas questões da bacia do Rio Doce, identificando após a análise, um sentido mítico de valores que o discurso jornalístico trata.

As três pesquisas citadas revelam o interesse pelo tema na academia e suas interrelações com a Comunicação de forma ampla. Nenhuma trata do tema jornalismo, no momento de urgência de informações ocasionado pelo rompimento da barragem.

Metodologia

O presente trabalho realiza a análise das primeiras reportagens sobre o rompimento da barragem de Fundão no distrito de Mariana (MG). A notícia publicada pelo jornal Estado de Minas foi uma das primeiras em meio on-line. Nela, naquele momento, era possível ver um “ao vivo” dos jornalistas, como escrito na notícia: “Acompanhe a saga de nossa reportagem para chegar ao local mais atingido pelo rompimento da barragem, vídeo feito pelo repórter Mateus Parreiras”. Desta forma acaba mostrando não somente o “ao vivo” do acontecimento, mas como os repórteres estão fazendo para chegar no local e transmitir essas informações em tempo real. Também nessa notícia do rompimento é possível ver outras fontes de informações, como a prefeitura de Ouro Preto.

Já a notícia do portal G1 conta com mais informações sobre o ocorrido e começa a trazer os primeiros registros de fatalidades, o que estava acontecendo ao redor de Mariana (MG). Ela acaba trazendo a versão do portal G1 em Minas Gerais, além de consultar o corpo de bombeiros de Ouro Preto que possuía equipes no local e autoridades referentes ao assunto de mineração no município. Essa notícia publicada pelo portal G1 acabou trazendo conteúdos como infográficos, fotos, vídeos e entrevistas.

A escolha das notícias selecionadas ocorreu após ser definido o assunto: rompimento da barragem de Fundão em Mariana (MG). Após essa definição começou a pesquisa das notícias sobre o acontecimento em 2015. Durante o decorrer dessa pesquisa, foram encontradas duas notícias: uma se encontrava “ao vivo” e na outra uma mais completa com todos os fatos. Em

continuação com a pesquisa foi visto que essas notícias seriam as primeiras publicadas em meio on-line sobre o ocorrido.

A análise ocorrerá em etapas. Na primeira após escolhidas as reportagens, será analisado: 1. O tipo de cobertura (se os repórteres estiveram presentes no local - presencialmente em Mariana, ou realizaram remotamente - captando as informações de diversas fontes e organizando-as); 2. A característica da cobertura - que elementos é possível visualizar nas notícias (vídeo, foto, infográficos, mapas); 3. Comparação entre as duas coberturas - itens 1 e 2 resultarão em uma tabela.

Na segunda etapa, será realizada a análise das produções jornalísticas através do conceito de alteridade proposto por Charaudeau (2005), considerado pelo autor como o primeiro conceito do processo de transação. Esse conceito foi escolhido por contribuir mais especificamente com o objeto de pesquisa do presente artigo, dentre as chaves de análise propostas na metodologia análise de discurso de Charaudeau (2005). O autor afirma que, em contexto de notícias, é o profissional que além de legitimar fará escolhas de relevância. Desta forma Charaudeau (2005), encontra o duplo sentido da semiotização do mundo. Mas para que ocorra é necessário um duplo processo: o primeiro é o processo de transformação e o segundo um processo de transação:

O processo de *transformação*, que, partindo de um “mundo a significar”, o *transforma* em “mundo significado” sob a ação de um sujeito falante;

O processo de *transação*, que faz deste “mundo significado” um *objeto de troca* com um outro sujeito que desempenha o papel de destinatário deste objeto (CHARAUDEAU, 2005, p. 02).

Dentro do processo de transformação para Charaudeau (2005), há quatro tipos de operação: a primeira, a identificação (é preciso nomear algo para que se possa falar dele); a segunda é a qualificação (cada um possui características próprias que os descrevem); a terceira é a ação (cada pessoa age de uma forma ou sofre uma ação); e a quarta é a causação esta é a soma das anteriores, cada pessoa com qualidades, identificações e ações acabam por se inscrever em uma causa.

Já o processo de transação, para Charaudeau (2005), realiza-se de acordo com quatro princípios: o princípio de alteridade, toda linguagem é resultado de uma troca entre dois indivíduos; o princípio da pertinência, onde os indivíduos possam reconhecer a referência que constituem a linguagem; o princípio influência, o ato de produzir uma linguagem é realizado com a intenção de fazer o outro indivíduo agir, ser afetado ou se orientar através da troca de linguagens; e o princípio da regulação, ligado ao princípio de influência.

O objetivo de realizar a análise, enfatizando o princípio de alteridade, é compreender no meio digital o compromisso do jornalismo com o público, em coberturas que quebraram a rotina da produção na redação, por não ser planejada, o que faz com que o jornalista tenha que ser ágil perante os fatos para atualizar os leitores.

Por último, na terceira etapa de análise, propõe-se utilizar os conceitos de *breaking news* e *gatekeeper*, aliados à primeira e à segunda fase analíticas, para responder à pergunta: como o jornalismo digital se reconfigura quando uma tragédia rompe o cotidiano?

Jornal Estado de Minas

Pouco antes das cinco horas da tarde do dia 5 de novembro de 2015, o jornal Estado de Minas constatou o rompimento da barragem de Mariana. A matéria foi publicada no Facebook com o texto: “O rompimento da barragem da Samarco, em Mariana, pode ser o mais grave já registrado no Brasil, segundo dados do Comitê Brasileiro de Barragens. O maior rompimento com vítimas, até então registrado, foi na Mina de Fernandinho, em Itabirito, no ano de 1986, quando morreram sete pessoas. O segundo maior acidente foi em 2001, na barragem de Rio Verde, em Macacos, na Região Metropolitana de Belo Horizonte, quando morreram cinco pessoas”.

Essa chamada, através da rede social do jornal, levava os leitores a uma página no site, onde era possível ver as primeiras informações, fotos de desaparecidos, números de telefones para entrar em contato. Essa foi considerada durante a pesquisa como uma das primeiras notícias a ser publicada em meio *on-line* sobre o ocorrido.

Nessa mesma matéria, há apenas uma imagem disponível. Na foto é possível ver uma criança, e duas frases.

Família faz apelo em busca de criança desaparecida na tragédia em Bento Rodrigues. Emanuely, de apenas 5 anos, se perdeu do pai e do irmão quando tentava escapar da enxurrada de lama que tomou conta da casa da família (ESTADO DE MINAS, 2015, p. 3).

Uma forma utilizada pelo jornal e pela família em encontrar um ente querido. A notícia ainda apresenta um vídeo feito pelo jornalista Mateus Parreiras de Freitas, mostrando os desafios para um repórter em transmitir informações precisas logo após o rompimento. O vídeo mostra imagens da lama e ao fundo o som da voz do repórter, narrando como irão chegar a um dos pontos mais atingidos pelos rejeitos derramados após o rompimento da barragem. É possível visualizar que a notícia foi alimentada com constantes atualizações, mesmo sendo

publicada antes das cinco horas da tarde, continuava recebendo novos conteúdos, além de mostrar ao final o nome de 21 profissionais envolvidos na cobertura do rompimento da barragem.

Em entrevista concedida ao Núcleo Experimental de Jornalismo da Universidade de Passo Fundo (NEXJOR, 2020), o jornalista Mateus Parreiras de Freitas, que realizou a cobertura do desastre no jornal Estado de Minas, conta que se tratava de um dia comum na redação do jornal. “Eu não estava na redação. Soube pela TV do rompimento, por volta de 16h. O pauteiro do caderno de cidades me ligou e pediu para ficar de *stand by*. Eu pedi para que me mandasse a Mariana e dentro de 30 minutos já estava na estrada”, destaca Freitas.

Cada rotina da redação de um jornal é diferente da outra, cada jornal possui suas próprias características, seu modo de realizar sua comunicação com seu público. Desse modo, cada veículo lidou de uma forma com a cobertura do rompimento da barragem. Freitas (NEXJOR, 2020, p. 2) salienta.

Foi necessário montar um esforço de reportagens para quem fazia a cobertura em Mariana, com o ingresso de jornalistas de outras editorias para permitir que ocorresse um revezamento. Enquanto isso, o restante fazia a cobertura em BH, com a Samarco, a Vale, o governo e outras fontes. Toda estrutura precisou ser adaptada com a frota sendo dividida para permitir envio e regresso de jornalistas, acesso a equipamentos para produção, hospedagem e outros ajustes que praticamente criaram uma nova editoria específica para a tragédia.

Com a quebra da rotina é necessário tomar decisões rápidas. Com a reunião de diversos profissionais da comunicação, a divulgação de informações fica mais ágil e instantânea. “Tudo precisa ser muito rápido, da avaliação de uma situação para se tornar uma pauta à execução da produção, pois a concorrência era enorme, com repórteres do mundo todo investigando e percorrendo a mesma área atrás dos mesmos fatos. A exaustão mental e física ao fim de cada dia foi muito grande, além do expediente e atravessando muitas vezes a madrugada” salienta Freitas (NEXJOR, 2020).

O jornalista realça que ao realizar coberturas longas, é preciso ter uma boa amarração, para não perder o foco mostrando as mesmas coisas. O que tinha era uma amarração muitas vezes temática na capa do jornal e que se transformava no fio condutor que relacionava todas as matérias.

Quando ocorre uma cobertura em tempo real, com atualizações, a redação de um jornal acaba de modificando. Freitas (NEXJOR, 2020, p. 3) frisa que “era recebido um grande volume de informações que precisava ser filtrada e publicada. Muitas dessas informações acabou se

perdendo no tráfego de centenas de fotografias e informações enviadas pelas equipes e que a redação muitas vezes não teve tempo ou discernimento para aproveitar”.

Ao ser questionado sobre os desafios da profissão, e qual o aprendizado que destacaria em relação ao dia 5 de novembro de 2015 para a sua vida, Freitas (NEXJOR, 2020, p. 3) realça.

Ali eu não digo que aprendi, mas digo que foi a primeira vez que me vi obrigado a usar de forma intensa e celebre tudo o que sabia e já tinha feito ou que sabia, mas nunca tinha feito. Tudo precisando ser muito rápido, da avaliação de uma situação para se tornar uma pauta à execução da produção, pois a concorrência era enorme, com repórteres do mundo todo investigando e percorrendo a mesma área dos mesmos fatos. A exaustão mental e física ao fim de cada dia foi muito grande, além do expediente e atravessando muitas vezes a madrugada.

Freitas (NEXJOR, 2020) destaca dessa forma como foi a experiência vivida no rompimento da barragem. Um acontecimento inesperado que acabou reunindo diversos profissionais da comunicação em uma única região, exigindo deles o máximo de conhecimento para a produção jornalística.

Portal G1 MG

A matéria do portal G1 de Minas Gerais foi publicada pouco depois das cinco horas da tarde. Nela são encontradas informações verificadas com o Corpo de Bombeiros de Ouro Preto, como o número exato de desaparecidos até o momento da publicação. A notícia traz o número de feridos, e logo abaixo um vídeo, onde um repórter faz uma pergunta sobre o dia, como aconteceu o rompimento aos olhos dos trabalhadores, onde ao fundo é possível ver diversas conversas com vozes aflitas, de familiares dos trabalhadores.

Um dos sobreviventes da tragédia, Andrew Oliveira, que trabalha como sinaleiro na empresa Integral, uma terceirizada da Samarco, disse que, na hora do almoço, houve “um abalo”, mas os empregados continuaram trabalhando normalmente. “Começou a praticamente ter um terremoto”, disse sobre o momento que a barragem se rompeu (*veja depoimento abaixo*) (G1, 2015, p. 6).

Logo abaixo os primeiros desdobramentos, uma foto de Lucas Prates do Hoje em Dia e Estadão Conteúdo. Nela é possível ver os moradores do distrito que tiveram que deixar suas casas por causa do rompimento da barragem, os moradores estão sentados no chão da Arena Mariana, um local onde são recebidas doações, vistas sendo separadas pelos mesmos.

Em seguida é mostrada junto com um texto um vídeo do diretor presidente da Samarco, Ricardo Vescovi, em um comunicado divulgado no perfil da empresa no Facebook. Nesse ponto são acrescentadas atualizações dos dias seguintes do rompimento, como a correção da empresa

em divulgar que teria ocorrido o rompimento em duas barragens, mas no dia 16 de novembro a mineradora corrigiu, afirmando o rompimento de apenas uma.

Na sequência, é falado como estão sendo realizado os resgates, e um vídeo (não disponível) que mostrava os moradores pouco depois do rompimento da barragem e o avanço da lama. Pouco abaixo uma nova atualização, uma foto do rompimento da barragem de Fundão, fotografada por Luis Eduardo Franco da TV Globo, onde mostra uma imagem aérea dos destroços deixados pela lama.

Abaixo tem notas do Governo Estadual e do Ministério Público sobre o rompimento, com o anexo de um vídeo (não disponível e não mencionado no texto). Ao fim da notícia o portal destaca o que ocorrerá no dia seguinte, as medidas tomadas pelo Ministério Público.

Segundo o promotor, a partir desta sexta (6), o MP pretende levantar e identificar as causas do acidente e propor uma ação contra os responsáveis. Ele afirmou que nenhuma barragem se rompe por acaso, mas ressaltou que é prematuro dizer qual é a causa (G1, 2015, p. 8).

Para completar a notícia são trazidos infográficos, gravuras, situando o distrito de Mariana no mapa, a localização da barragem que havia se rompido. Nesses últimos detalhes são também acrescentadas imagens atualizadas sobre o rompimento, como o caminho que a lama percorreu nos dias seguintes.

A notícia foi publicada pelo portal G1 de Minas Gerais, não mencionado os repórteres e jornalistas que a produziram no dia 5 de novembro de 2015. Com constantes atualizações após o dia do rompimento, sua última atualização foi no dia 21 de novembro de 2015 ao 12 horas e 41 minutos. Desta forma assim como a do jornal Estado de Minas, a notícia publicada pelo portal G1 também é alimentada com o passar das primeiras horas do desastre, recebendo adições de vídeos, fotos e infográficos.

Análise comparativa

Após a tipificação e a caracterização da cobertura jornalística, a produção de uma tabela sobre os dois veículos de comunicação ajudam a compará-los respondendo às questões: 1. O tipo de cobertura (se os repórteres estiveram presentes no local - presencialmente em Mariana, ou realizaram remotamente - captando as informações de diversas fontes e organizando-as); 2. A característica da cobertura - que elementos é possível visualizar nas notícias (vídeo, foto, infográficos, mapas); 3. Comparação entre as duas coberturas.

Tabela 1

	Jornal Estado de Minas	Portal G1
Títulos:	“Barragem de rejeitos se rompe em mineradora de mariana; acompanhe ao vivo”	“Barragem se rompe, e enxurrada de lama destrói distrito de Mariana”
Horário de publicação:	05/11/2015 às 16h49 min	05/11/2015 às 17h14 min
1. Tipo de cobertura (se os repórteres estiveram presentes no local - presencialmente em Mariana, ou realizaram remotamente - captando as informações de diversas fontes e organizando-as)	Participaram na produção da cobertura jornalística do rompimento da barragem de Mariana 21 profissionais da comunicação, elencados abaixo da notícia. Além de mostrar o vídeo dos bastidores, como os comunicadores estavam fazendo para chegar no local do rompimento da barragem.	Remotamente, a notícia é assinada pelo portal G1 MG, sem nomes de repórteres, e publicada pelo mesmo. As imagens demonstram parceria entre veículos de comunicação na divulgação de informações, por constar os nomes de repórteres de veículos fora do portal G1.
2. Característica da cobertura - que elementos é possível visualizar nas notícias (vídeo, foto, infográficos, mapas)	Imagens (uma única imagem disponível) Vídeo.	Imagens do rompimento, de trabalhadores, vídeo aéreo do caminho da lama, do representante da Samarco, entrevista com trabalhadores, e infográficos da barragem

Fonte: Elaborado pela autora.

Para aprofundar a pesquisa na segunda etapa, foi realizada a análise das produções jornalísticas através do conceito de alteridade proposto por Charaudeau (2005), considerado pelo mesmo como o primeiro conceito do processo de transação. Para o autor toda a linguagem é resultado de uma troca entre dois seres, onde é necessário alternar na fala, e isso é possível com a presença de duas pessoas, estes podem estar distantes ou não um do outro. Para Charaudeau (2005, p. 03):

Segundo este princípio, cada um dos parceiros está engajado num processo recíproco (mas não simétrico) de reconhecimento do outro, numa interação que o legitima enquanto tal - o que é uma condição para que o ato de linguagem seja considerado válido. Este princípio é fundamento do aspecto contratual de todo ato de comunicação, pois implica um reconhecimento e uma legitimação recíprocos dos parceiros entre si.

Para ocorrer a presença desse princípio, os dois veículos de comunicação se comunicaram de forma diferente com o seu público. Para o jornal Estado de Minas a sua comunicação é mais rápida. Para isso colocou o “ao vivo”, dessa forma, atraindo mais leitores e gerando alteridade entre ambos. Pois, considerando também o que o público deseja ver, acaba trazendo de forma instantânea os desdobramentos do rompimento da barragem.

Já no portal G1 (MG), sua comunicação com seu público mesmo não sendo tão rápida como a anterior, busca trazer mais fatos, não somente publicar uma matéria e deixar o resto

acontecer e seguir seu rumo. O portal optou por realizar a publicação da notícia do rompimento da barragem trazendo um depoimento de um trabalhador que estava presente quando ocorreu o rompimento da barragem. O repórter pediu para ele contar como tudo aconteceu, e ao fundo é possível ouvir vozes de familiares dos trabalhadores, vozes de alívio, dor e sofrimento.

Ao comparar é preciso levar em consideração a localidade dos dois veículos de comunicação. O jornal Estado de Minas acaba se voltando a sua região, mesmo abordando temas de outros estados - sua localização é em Minas Gerais. Já o portal G1, possui sua organização própria, em rede. Mesmo a publicação tendo a assinatura do portal G1 de Minas Gerais, o mesmo modo de realizar a publicação é visualizado em outros estados, buscando o padrão do veículo.

Marinho et al. (2011) apresentam os conceitos e padrões que a organização Globo preza, como qualidade, meios de comunicação e como o jornalista deve proceder em determinadas situações.

Os veículos jornalísticos das Organizações Globo devem ter a isenção como um objetivo consciente e formalmente declarado. Todos os seus níveis hierárquicos, nos vários departamentos, devem levar em conta este objetivo em todas as decisões; Na apuração, edição e publicação de uma reportagem, seja ela factual ou analítica, os diversos ângulos que cercam os acontecimentos que ela busca retratar ou analisar devem ser abordados. O contraditório deve ser sempre acolhido, o que implica dizer que todos os diretamente envolvidos no assunto têm direito à sua versão sobre os fatos, à expressão de seus pontos de vista ou a dar as explicações que considerarem convenientes (MARINHO et al. 2011, p. 5-6).

Desta forma Marinho et al. (2011, p. 12) destacam que a correção é aquilo que dá credibilidade ao trabalho jornalístico: nada mais danoso para a reputação de um veículo do que uma reportagem errada ou uma análise feita a partir de dados equivocados.

Assim, mesmo que a equipe responsável pela produção da notícia esteja em Minas Gerais, ela é dependente dos editores nacionais. Com isso notícia é mais produzida, com maiores informações sobre o rompimento da barragem, o que segundo os princípios editoriais de Marinho et al. (2011, p. 19), a veracidade e verificação dos fatos é primordial para uma boa comunicação, prezando pela seu público-alvo.

Cada veículo tem um público-alvo e deve agir de acordo com as características dele, adaptando a elas pauta, linguagem e formato. Mas, para as Organizações Globo, todo público tem um alto poder de discernimento e entendimento: o menos culto dos homens é capaz de decidir o que é melhor para si, escolhe visando à qualidade e entende tudo o que lhe é relatado de forma competente. Essa convicção deve ser levada em conta especialmente pelos veículos de massa que produzem informação para pessoas de todos os níveis de instrução. Nesse caso, a linguagem e o formato não devem ser rebuscados a ponto de afastar os menos letrados, nem simplórios a ponto de afastar os mais instruídos.

Cada veículo de comunicação possui suas próprias características. O jornal Estado de Minas preza pela sua comunicação rápida, de certa forma: de especulação. Ocorre a verificação do fato e logo após confirmação, as primeiras informações já foram publicadas, com o “ao vivo”. Isso faz o público acompanhar as atualizações do veículo. Sua forma de mostrar o repórter presente no local, dificuldades da produção da notícia, é uma forma de alternância de comunicação com seu público, ao mesmo tempo que informa, também aproxima o leitor, humanizando cada vez mais a linguagem. Já o portal G1 lida com o seu público de maneira que transmita certezas, foi preferido não fazer um “ao vivo” do local, mas recolher a informações após verificação e realizar uma publicação mais completa, com mais dados. Isso pode ocorrer por distintas linhas editoriais dos veículos de comunicação, ou seja, o primeiro preza pela agilidade e prender a atenção do público, o segundo preza pelo conteúdo, somente informações essenciais sobre o fato.

Na terceira fase da análise, retomamos os conceitos de *breaking news* e *gatekeeper*. Demonstrando agilidade em transmitir as informações corretas ao público, os dois veículos de comunicação realizaram as publicações no dia 5 de novembro de 2015 com intervalos de 26 minutos entre a primeira e a segunda. Martins (2018) realça a instantaneidade dentro do jornalismo digital, e a notícia ser vista por diferentes regiões do mundo. Dentro dessa instantaneidade, caracteriza-se a cobertura tipo *breaking news*.

Osório (2016), destaca quando surge um acontecimento capaz de quebrar uma rotina em uma redação, sendo capaz de gerar um aumento de interesse, essa cobertura acaba interrompendo um calendário de publicações estabelecidas pelo jornal. Então, os olhos dos comunicadores devem se voltar às novas informações, priorizar publicações imediatas abrir espaços e substituir. Ou seja, tanto o Estado de Minas como o G1 MG possuíam suas rotinas editoriais para publicações, no dia 5 de novembro de 2015, mas aconteceu o rompimento da barragem. As primeiras informações que eles transmitem são consideradas *breaking news*, por serem publicadas em meio on-line logo após o fato, ou seja, elas são construídas, verificadas e publicadas o mais breve possível.

As primeiras escolhas e decisões estão aliadas à teoria de *gatekeeper*, onde a informação central é recebida nas redações, e escolhida se é divulgada ou não. Essas escolhas ficam claras ao colocar lado a lado as notícias. Na publicação do jornal Estado de Minas, é possível visualizar um vídeo feito pelo jornalista Mateus Parreiras de Freitas, mostrando os bastidores da produção de uma notícia, os desafios para transmitir as informações. Na publicação realizada

pelo portal G1 MG, pelo seu perfil organizacional mencionado acima não é assinado a notícia com um nome de um repórter, mas sim do portal G1 MG. Neste caso do G1, a ideia de *gatewatcher* se aplicaria com mais precisão. Ambas as notícias foram constantemente alimentadas com o passar das horas após a primeira publicação do veículo, com isso é possível visualizar acima de cada uma a data de sua primeira publicação e sua última atualização.

A atualização nas notícias ocorre por o veículo de comunicação gerar uma alteridade com o seu público. Para Charaudeau (2005), para encontrar a presença do princípio de alteridade é necessário haver uma troca entre dois seres, alternância na fala, mesmo estando próximas ou distantes. Isso é demonstrado entre a diferença dos públicos de cada jornal, visto em suas publicações. O jornal Estado de Minas optou por realizar e transmitir “ao vivo” as informações, de maneira rápida e instantânea, enquanto o portal G1 MG, preferiu optar por uma notícia mais escrita, com a presença de depoimento de um trabalhador, um vídeo publicado pelo diretor presidente da Samarco, notas oficiais do estado e do governo, mencionando que aconteceu o rompimento. Demonstrem-se duas políticas distintas de cada linha editorial.

Em resumo os dois objetos de análise optaram por transmitir as informações de maneira ágil e instantânea. O rompimento da barragem foi um acontecimento inesperado tanto para os veículos de comunicação quanto para os moradores de Mariana. Para os jornais isso quebrou a rotina estabelecida do trabalho do dia. As duas publicações recebiam com o passar das horas adições de conteúdos com novas informações. Essas novas informações advinham de conteúdos de notas de órgãos oficiais, vídeos de depoimentos e entrevistas com representantes da empresa Samarco e de trabalhadores que presenciaram o rompimento da barragem, além do Corpo de Bombeiros de Ouro Preto.

Além das informações é encontrado a colaboração do público. Após o rompimento da barragem foram acrescentadas com o passar das primeiras horas em modelo de *timeline*, foram enviados números e nomes de pessoas de todas as idades pelo público na busca pelos desaparecidos, uma conversa entre o veículo de comunicação e o público, na busca de respostas, conforto e alívio. Isso acarretou na presença do princípio de alteridade proposto por Charaudeau (2005), uma comunicação com a alternância da fala.

Considerações finais

Sabendo das considerações das três fases da análise, observa-se que o jornalismo reconfigura sua rotina produtiva quando uma tragédia rompe o cotidiano. Pois precisa, transmitir em ritmo acelerado as informações verídicas sobre o acontecimento, mesmo não

possuindo todos os fatos, realizar constantes atualizações ao público sobre o que está acontecendo, quais desdobramentos e caminhos estão sendo noticiados. Se necessário, formar parcerias entre profissionais da comunicação com um único objetivo: transmitir as informações a toda a população, não só regional, mas nacional e mundial. Realizar a comunicação com a presença do princípio de alteridade, saber falar, mas também saber a hora que deve escutar, uma comunicação entre profissionais, veículos de comunicação e sociedade.

É importante levar em consideração ao final a regionalidade de cada veículo de comunicação escolhido. O jornal Estado de Minas, o próprio nome já diz sua principal abrangência, Minas Gerais, então estão mais próximos do rompimento da barragem. Já o portal G1, mesmo sendo MG, depende de sua organização, sua linha editorial segue um padrão organizacional. Onde um pode abordar da forma que preferir e se encaixar em sua linha, o outro deve primeiro verificar se se encaixa em sua linha organizacional. Dentro disso, é possível ver a diferença entre as linguagens utilizadas, o Estado de Minas segue a sua região, e altera toda a forma de apresentação da notícia e a interface do seu site, devido à urgência e proximidade dos fatos. Já o G1 MG segue o modelo previsto da organização, seu modo de se posicionar, falar e questionar já está escrito como fazer, desse modo mantém-se um padrão de rede.

É preciso fazer escolhas imediatas, na função de *gatewatcher*. Demonstrar liderança não só na equipe de profissionais conhecidos, mas a todos os envolvidos em uma cobertura de desastre. O modo que as informações são noticiadas diferencia um veículo do outro. O Estado de Minas optou por fazer uma *timeline*, onde acrescentava as informações conforme o recebimento e verificação das mesmas, como fotos de desaparecidos, vídeo do bastidor de uma reportagem, e número de contatos. A abordagem do portal G1 foi diferente, ao invés de usar uma *timeline*, usou do mesmo recurso de atualizações de desdobramentos, mas em uma notícia completa, como uma linha do tempo, dos primeiros aos últimos acontecimentos.

Desse modo, desempenha-se um papel de extrema importância perante uma tragédia que rompe o cotidiano, por não ser somente o seu dia-a-dia alterado pelo fato, mas sim de muitas pessoas, que podem estar próximas ou não. Nesse ponto salienta-se que embora sua regionalidade, veículo de comunicação, manuais de redações ou políticas editoriais sua linguagem se torna coerente de forma a noticiar os fatos em consonância com a urgência e a necessidade do público de se atualizar a cada momento.

Referências Bibliográficas

CHARAUDEAU, Patrick. *Uma análise semiolinguística do texto e do discurso*. In: PAULIUKONIS, M. A. L. e GAVAZZI, S. (Orgs.) *Da língua ao discurso: reflexões para o ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p. 11-27. 2005. Disponível em <<http://www.patrick-charaudeau.com/Uma-analise-semiolinguistica-do.html>> Acesso em 27 abr. 2020.

CONDE, Mariana Guedes. *Temas em jornalismo digital: histórias e perspectivas*. Curitiba: InterSaberes, 2018.

ESTADO DE MINAS. *Barragem de rejeitos se rompe em mineradora de mariana acompanhe ao vivo*. Jornal: Estado de Minas, 2015. Disponível em <https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2015/11/05/interna_gerais,704901/barragem-de-rejeitos-se-rompe-em-mineradora-de-mariana-acompanhe-ao-v.shtml> Acesso em 10 nov. 2019.

FERRARI, Pollyana. *Jornalismo digital*. 4ª ed. São Paulo: Contexto, 2010.

FREITAS, Mateus P. de. Entrevista ao NexJor. *Quando uma tragédia rompe o cotidiano jornalístico*. In: Núcleo experimental de jornalismo, faculdade de artes e comunicação, Universidade de Passo Fundo. Passo Fundo, 2020. Disponível em <http://nexjor.com.br/2020/06/quando-uma-tragedia-rompe-o-cotidiano-jornalistico/?fbclid=IwAR3OZKE_gSDITQg0KcGBMCuRXcd8BDLncxqVHBjilfreB4HwoMGNp4HJ4E> Acesso em 3 jun. 2020.

G1. *Barragem se rompe, e enxurrada de lama destrói distrito de Mariana*. G1, Minas Gerais, 2015. Disponível em <<http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2015/11/barragem-de-rejeitos-se-rompe-em-distrito-de-mariana.html>> Acesso em 27 abr. 2020

GIRARDI, Ilza M. T. et al. *Caminhos e descaminhos do jornalismo ambiental*. Comunicação & Sociedade. São Bernardo dos Campos, v. 34, n. 1, p. 131-152, jul./dez. 2012. Disponível em <<file:///C:/Users/User/Downloads/2972-9676-3-PB.pdf>> Acesso em: 03 jun. 2020.

Governo de Minas Gerais. *Relatório dos efeitos e desdobramentos do rompimento da Barragem de Fundão em Mariana-MG*. Secretaria de Estado de Desenvolvimento Regional, Política Urbana e Gestão Metropolitana, Minas Gerais, 2016. Disponível em <http://www.agenciaminas.mg.gov.br/ckeditor_assets/attachments/770/relatorio_final_ft_03_02_2016_15h5min.pdf> Acesso em 26 mar. 2020.

MARINHO, Roberto Irineu. et al. *Princípios Editoriais das Organizações Globo*. Organizações Globo. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em <<http://g1.globo.com/principios-editoriais-das-organizacoes-globo.pdf>> Acesso em 11 jun. 2020.

MARTINS, Maura Oliveira. *Profissão jornalista: um guia para viver de notícias na próxima década*. Curitiba: InterSaberes. 2018.

MENDES, Conrado M; OLIVEIRA, Vanessa V. de. *Rompimento das barragens em Mariana (2015) e Brumadinho (2019): regimes de interação no contexto das organizações*. In: XXVIII Encontro Anual da Compós. Porto Alegre, jun. 2019. Disponível em <

http://www.compos.org.br/biblioteca/trabalhos_arquivo_EMTNGJ6XFPVFO0D2ZZ6T_28_7662_22_02_2019_10_50_55.pdf> Acesso em 03 jun. 2020.

NICOLATO, Roberto (Org). *Teoria do jornalismo*. Curitiba: InterSaberes. 2019.

OSÓRIO, Moreno Cruz. *A curadoria em jornalismo nas coberturas de breaking news em tempo real na internet*. Ação Midiática. PPGCOM – UFPR, jan/jun, 223- 239, 2016.

Disponível em <<https://revistas.ufpr.br/acaomidiatica/article/view/38556/28478>> Acesso em 27 abr. 2020

PENA, Felipe. *Teoria do jornalismo*. 3a ed. São Paulo: Contexto, 2015.

RAMOS, Júlia C. L. *Testemunho tardio: o desastre em Mariana (MG) no fotojornalismo de Zero Hora*. In: XXVII Encontro Anual da Compós, Pontifícia universidade de Minas Gerais.

Belo Horizonte, jun. 2018. Disponível em< http://www.compos.org.br/data/arquivos2018/trabalhos_arquivo_425RKD2IXSIHI9UOH81X_27_6172_25_01_2018_10_44_52.pdf>

Acesso em 3 jun. 2020.

SILVEIRA, Ada C. M. da; GOLÇALVES, Carlos A. O. *O imaginário telúrico nas imagens da tragédia de Mariana*. In: XXV Encontro Anual da Compós. Góias, jun. 2016. Disponível em <http://www.compos.org.br/biblioteca/1_3389.pdf> Acesso em 03 jun. 2020.

WEBER, Carolina Teixeira. *Gatekeeper e gatwatching – repensando a função de selecionador no webjornalismo*. In: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação: XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, Novo Hamburgo, 2010. Disponível em < <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2010/resumos/R20-0493-1.pdf> > Acesso em 28 abr. 2020.